



DA TRISTEZA AO SONHO



Amparar jovens abandonados e encorajá-los é a missão da Fundação de Assistência à Criança e Adolescente

TEXTO E FOTOS **GUSTAVO BLASCO KUTSCHER**

No Rio Grande do Sul, há um local chamado de Fundação de Assistência à Criança e Adolescente, em São Leopoldo. O abrigo, fundado em 1996, acolhe jovens entre 0 e 18 anos que foram abandonados pela família ou que sofreram abusos. Essas crianças chegam ao abrigo por meio judicial para mais tarde serem adotadas por alguma família. O Conselho Tutelar também faz encaminhamentos ao abrigo. No local, há uma cancha de esportes, brinquedos ao ar livre e uma sala de pedagogia, que conta com um espaço para que os jovens possam desenvolver atividades artísticas.

O local é dividido em dois espaços: Casa Abrigo Maria Emília de Paula, onde ficam as crianças entre 0 e 11 anos, e Casa Aberta Padre Cândido Santini, onde ficam jovens entre 12 e 18 anos. No total, a Fundação abriga 45 jovens, e a ideia central é que seja uma passagem que envolva conhecimento, desenvolvimento e esperança na vida desses jovens. "Essas crianças vêm de lares desestruturados. Eles não têm muitos sonhos. Não têm muita expectativa. Nós tentamos fazer com que esses jovens busquem seus projetos de vida", conta Ângela Maragno, psicóloga da Fundação.

A instituição é mantida por doações e uma verba dos governos municipal, estadual e federal. De acordo com a diretora da Fundação, professora Rose Mari Ritter, mesmo com o apoio recebido, ainda falta mantimentos em alguns momentos. "Sem conhecer a nossa realidade, as pessoas não têm a visão que nós precisamos de aparelhos de barbear, xampus, sabonetes, chinelos de dedo e até pentes." Algumas pessoas fazem doações sem saber do que a Fundação está necessitando. Muitas vezes sobram mantimentos



por algum tempo e faltam outros. Mas há também aqueles que mantêm uma rotina de doações e que, antes de enviar alguma coisa, fazem uma consulta por telefone para saber qual a necessidade do momento. Todas as doações são aproveitadas na Fundação. Inclusive um piano, que é novidade para as crianças, terá uso nos próximos meses. Só está faltando um professor para ensinar a arte de Mozart aos jovens.

Chegando ao local, tudo parece estar em harmonia. Mas o trabalho diário dos profissionais é o que proporciona a sincronia no dia a dia dos menores abrigados. Carinhosamente, os jovens chamam os profissionais de "tio" ou "tia". O bom humor das pessoas que lá estão é cativante, demonstrando que o que mais precisam os abrigados nesse momento que estão vivendo uma experiência única nas suas vidas é amor. E o afeto é o que não falta para as crianças da Fundação. Parece vir dentro dos

sacos de açúcar que lá desembarcam, através de doações, a todo o momento.

Os abrigados estão sempre com roupas bem cuidadas sem nenhum furo, incomum entre menores de idade que costumam abrir buracos nas calças ao redor dos joelhos. São tratados com atenção e recebem grande apoio das pessoas que trabalham na Fundação. Mas também se pode perceber que eles sentem falta de estar com suas famílias, pois as pessoas que chegam ao local para visitá-los são recebidas com muitos afagos. Isso prova que estão carentes do amor que não tiveram de seus pais. Eles estão sob cuidados de uma equipe que acompanha a sua rotina.

Equipe entrosada

Quem faz acontecer a Fundação são os 29 funcionários. São 16 educadores, diretora, motorista, duas cozinheiras, psi-

cóloga, assistente social, auxiliar de enfermagem, pedagoga, nutricionista, faxineira, entre outros. O trabalho desses profissionais é essencial para contribuir com o futuro dos abrigados. Segundo Ângela, o trabalho em equipe é fundamental para o bom andamento do abrigo. "Se um falhar na equipe, surge a desorganização." Os próprios abrigados também contribuem nas tarefas diárias como forma de aprendizado e responsabilidade. "A criança, quando usa o prato, lava a sua louça, porque ela tem que aprender a fazer esse manejo", relata Ângela. Os jovens têm regras a cumprir e uma agenda cheia de atividades. Para os que são menores, há a hora do conto e um momento de orações.

Para que as crianças tenham uma boa passagem pelo local, o profissionalismo dos educadores é fundamental. A responsabilidade deles é o atendimento integral aos jovens. Eles trabalham 12 horas por dia, sete dias por semana, alternando-se em duas equipes a cada 12 horas. As educadoras usam um relatório como meio de comunicação entre as duas equipes. Nesse relatório, escrito em um caderno, constam os fatos mais importantes que ocorreram no período de cada grupo. Funciona como um diário. Assim que um educador chega ao abrigo, o primeiro dever é ler o relatório que o seu antecessor escreveu. "Tudo que ocorre na parte da higiene, educação e saúde fica registrado no relatório", afirma a educadora Rose Marie Machado.

Os jovens fazem as refeições no abrigo. As cozinheiras preparam café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta. Antes de dormir, os menores ainda tomam um copo de leite. Toda alimentação conta com a supervisão de uma nutricionista. Ela elabora os cardápios para que os abrigados tenham uma alimentação balanceada. O refeitório é um ponto de encontro sagrado entre os jovens e funcionários, além da sala de estar equipada com televisores.

Além das atividades internas, há trabalhos realizados em outros locais que colaboram com o crescimento dessas crianças. O PEI (Programa Esporte Integral) é um exemplo. Realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), o PEI tem como parceiro o Instituto Ayrton Senna e

oferece atividades como dança, música e esportes coletivos. Durante as tardes, alguns jovens do abrigo frequentam as atividades como forma de buscar o desenvolvimento social. Porém, para se deslocar à universidade, que fica distante quase 10 km do abrigo, é necessário um transporte. O responsável por levar e buscar as crianças para qualquer destino, seja no PEI, no médico ou na escola, é Sílvio Loeser. O motorista carrega as crianças numa Kombi e fica disponível sempre que for necessária a condução. Sem o trabalho de Sílvio, os jovens não teriam a mobilidade comum do ser humano, pois a responsabilidade da guarda das crianças é do abrigo. Sílvio também colabora na busca de doações para a Casa. "Busco doações quase diariamente. Os móveis eu primeiro desmonto para carregar na Kombi e remonto assim que chego na Casa."

Missão

Satisfeita com a união da equipe, a diretora Rose Ritter sabe da importância que os funcionários da Fundação têm para as crianças e conclui no que isso reflete: "Para o dia a dia funcionar, a gente dá o suporte para os funcionários cumprirem a missão de acompanhar e educar os jovens, na busca por uma vida de muito sucesso, tanto pessoalmente quanto profissionalmente. E que mais tarde possam voltar até a Fundação com suas famílias constituídas."

Os voluntários que ajudam na Fundação também tentam vincular sua família ao trabalho social. Há casos em que os jovens recebem aulas particulares, de algum familiar de um voluntário, para que tenham melhor desempenho na escola. Além de contribuir no amparo aos menores, eles tentam acrescentar alegria na vida daqueles que mais precisam. Estão sempre presentes e prontos para o que for necessário.

É raro ver alguém disposto a combater esta realidade no Brasil, pois cada vez mais as pessoas estão preocupadas com elas mesmas, aflorando o individualismo humano. Para essas pessoas, pouco importa se há alguma criança sendo violentada pela mãe ou abusada sexualmente pelo pai. Entretanto, na Fundação, esses jovens podem voltar a sonhar.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Assim como optei por realizar a reportagem sobre um local que abriga menores abandonados ou vítimas de abusos, optei por um trabalho amparado por pessoas incomodadas com uma das mais preocupantes questões sociais do Brasil. Tive algumas surpresas logo que cheguei, pois esperava encontrar jovens mal arrumados, desiludidos e sem sonhos. Mas foi completamente o inverso. Os

jovens da Fundação são educados, receptivos e interessados. O que chamou mais a atenção foi a maneira como todos do local se tratam, sobressaindo-se o respeito e o amor. Esse é o significado da harmonia que o ambiente transmite. Fiquei satisfeito com aquilo que presenciei na Fundação e, assim como eu, espero que você, leitor, tenha uma boa primeira impressão do abrigo.